

“Se os homens conhecessem as pessoas de meu sexo”: Polêmicas na imprensa comercial às vésperas da abolição - Rio de Janeiro, 1887

Daniela Magalhães da Silveira

Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Recebido em: 23 jan. 2026

Aprovado em: 13 jul. 2026

Publicado em: 31 ago. 2026

Resumo

O artigo tenta rastrear a participação de mulheres e as discussões sobre os ofícios permitidos a elas, em jornais de grande circulação publicados no Rio de Janeiro. Tem como baliza a criação do jornal *Novidades* (1887) e sua série de crônicas de domingo. Considerando que narrativas assinadas por literatos serviram como chamariz para a formação de um público leitor fidelizado, levantaremos as temáticas escolhidas por homens de letras como aquelas que mereciam a lembrança, a partir de diferentes posicionamentos políticos. As discussões sobre o encaminhamento do trabalho realizado por pessoas escravizadas atravessaram boa parte daquelas páginas impressas, sendo que neste artigo esses debates ainda nos servirão para analisar, como mulheres pobres e descendentes de escravizadas tiveram seus ofícios invisibilizados num Brasil que queria se ver como moderno. Desse modo, ao aliar a história da imprensa à história das mulheres e de gênero, o artigo avança em questões que vão além do financiamento de um jornal e busca os embates construídos em suas próprias colunas.

Palavras-chave: grande imprensa; crônicas; abolição; trabalho feminino.

* Professora Associada IV da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com atuação nos cursos de graduação em História, no Programa de Pós-graduação em História e no Mestrado profissional em Ensino de História (ProfHistória). Pós-doutorado em andamento na Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorado e mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: danielasilveira@hotmail.com

“If Men Knew the People from My Sex”: Controversies in the Commercial Press in the Eve of Abolition – Rio de Janeiro, 1887

Nathalia Claro Moreira

Federal University of Uberlândia
Uberlândia, Minas Gerais, Brazil

Received: 23rd Jan. 2026

Approved: 13th Jul. 2026

Published: 31st Aug 2026

Abstract

This paper attempts to trace the participation of women in publications from large-scale distribution newspapers in Rio de Janeiro, as well as the debates regarding the types of occupations and crafts that women were allowed to pursue. It uses as reference the creation of the periodical *Novidades* (1887) and its series of Sunday chronicles. Considering that narratives authored by men of letters were used to attract and form a loyal readership, the paper enlists the themes that, according to varying political positions, were deemed important for the writers. Knowing that the debates about the future of the work so far performed by enslaved people occupied a good amount of space in the publications, the paper also intends to analyze the barriers raised against the crafts of poor women and slave descendants in a Brazil that wanted itself modern. Thus, by linking the history of the press to the history of women and gender, the article advances issues that go beyond the financing of a newspaper and seeks the conflicts constructed in its own columns.

Keywords: Large-scale Press; Chronicles; Abolition; Women's work.

* Associate Professor IV at the Federal University of Uberlândia (UFU), where she teaches in the undergraduate History program, the Graduate Program in History, and the Professional Master's Program in History Teaching (ProfHistória). Postdoctoral research in progress at the Federal. University of Santa Catarina (UFSC) Holds a Ph.D. and an M.A. in History from the State University of Campinas (UNICAMP) and a B.A. in History from the Federal University of Minas Gerais (UFMG). Email: danielasilveira@hotmail.com

"Não conhecemos a política, não nos importam os partidos, não prendemos nem a uma ideia especialmente, nem a parcialidades de ordem alguma"¹. Esta foi a forma encontrada pelo *Novidades* para se apresentar ao seu público leitor. Estratégia que não passou despercebida por colegas que integravam a redação de outros periódicos. Sendo assim, logo no dia seguinte, em 26 de janeiro de 1887, Eloy, o Herói, pseudônimo usado por Arthur Azevedo para assinar a série de crônicas "De palanque", no *Diário de Notícias*, via "boas intenções" justamente no fato de haver no "artigo-programa" do recém-lançado jornal a vontade de ser uma "folha exclusivamente popular, que nada tem de comum com a política"². Como pleno conhecedor daquele tipo de elaboração narrativa, o cronista do *Diário de Notícias* deveria saber que muitas outras informações poderiam se esconder por detrás de uma afirmação como aquela, logo na estreia de um jornal³. Desse modo, atenção precisa ser dada a quem se colocava a frente de tal empreendimento. Segundo Nelson Werneck Sodré: "acossados pela campanha que avançava e se avolumava, os fazendeiros escravistas agrupam nomes de fortuna para fundar um jornal, o *Novidades*, destinado a defender a manutenção do cativo, escolhendo para dirigi-lo Alcindo Guanabara" (Sodré, 1999, p. 238.).

Este artigo analisa jornais que se anunciavam como de grande circulação naquele princípio de 1887 e com diferentes interesses de seus financiadores. Especificamente o cruzamento entre dois debates: as disputas entre e dentro de jornais que se pretendiam comerciais e a inserção das mulheres num mercado de trabalho especializado, quando os ventos da abolição sopravam cada vez mais fortemente. Para Tania Regina de Luca, é importante compreender a dinâmica interna dos periódicos, assim como seus idealizadores e financiadores (Luca, 2024, p. 200). Aliado a isso, torna-se necessário analisá-los em suas tramas e disputas, sem isolar

1 *Novidades*. 25/01/1887.

2 *Diário de Notícias*. 26/01/1887.

3 Periódicos lançados ao longo do século XIX no Brasil traziam em seu primeiro número uma espécie de carta de intenções, quando redatores e editores definiam as suas principais diretrizes. Alguns jornais simplesmente optaram por não escrever esse texto inicial, anunciando que não o fariam. Ao fazer esse movimento, no entanto, acabavam justamente elencando seus princípios políticos e de desejos relativos ao alcance público. Temos alguns trabalhos interessados no acompanhamento seriado de periódicos que mostram a importância de ler e analisar esse primeiro número. Ver, por exemplo, Balaban (2009); Pereira (2004); Silveira (2003).

títulos, o que provocaria a perda de embates e alianças (Luca, 2024, p. 201). Essa dinâmica nos informa sobre a indissociabilidade entre jornalismo e literatura. Como a construção de um jornal vendável dependia também da alocação de séries de crônicas e outros gêneros literários. Valendo a ressalva feita por Sidney Chalhoub, quando demonstra que as séries de crônicas produzidas para os jornais do século XIX estavam profundamente alinhavadas com as demais colunas, requerendo do pesquisador um aprofundamento no periódico como um todo (Chalhoub, 2009, p. 235). Neste artigo, demonstro como a fundação de um jornal, com patrocínio controverso, esteve aberta a experiências novas de inserção de leitores e escritores, em diálogo com a principal questão do dia: o rearranjo nos mundos do trabalho, com a inevitável abolição da escravidão. Lanço mão da história da imprensa e das mulheres como dois campos que precisam dialogar para afinarmos a compreensão de disputas que atravessavam folhas que corriam de mãos em mãos e eram ingredientes para os debates sobre a atuação feminina em ofícios cobiçados por homens⁴.

Azulina, a novidade do *Novidades*

O ano que antecede a assinatura da lei Áurea é crivado por disputas que, em parte, conduziram a configuração da imprensa brasileira oitocentista. A fundação de periódicos e a abertura de colunas interessadas pelo debate político renderam desavenças e a dúvida necessidade de ora explicitar seu posicionamento, ora se esconder ou criar personagens narradores de crônicas a quem caberiam a responsabilidade pela opinião emitida⁵. A compreensão desse espaço como um lugar que envolvia redatores que eram também trabalhadores e trabalhadoras em busca por reconhecimento e rendimentos financeiros obriga-nos a refletir sobre a criação de

4 Desde a primeira metade do século XIX brasileiro que começaram a surgir algumas revistas dedicadas exclusivamente à família e mais especificamente ao público feminino. Esse esforço vai se adensar ao longo da segunda metade do século XIX, com jornais e revistas escritos por e para mulheres, assim como demonstrou Muzart (2003) e Duarte (2016). A atuação de mulheres escritoras em periódicos de grande circulação, assim como jornais e revistas publicados para mulheres e que compuseram grandes empresas mostram a construção de um campo de debates e atuação de mulheres de diferentes classes e cores. Por isso, cada vez mais importam pesquisas preocupadas na intersecção de classe, raça e gênero que tomam jornais e revistas como fontes, mas também como seus objetos de análise. Ver, entre outros, Garzoni (2012), Schettini (2020), Silva (2021), Silveira (2023) e Ribeiro (2024).

5 Sobre crônicas e narradores oitocentistas ver, Chalhoub, Neves e Pereira (2005) e Ramos (2016).

jornais e os conflitos diários vividos por quem assinava suas colunas. Eram homens e mulheres que precisaram lidar com os ritmos das redações que impactavam a participação feminina e de quem precisava atuar em mais de um emprego para garantir a sobrevivência (Costa, 2024). Por isso, torna-se importante compreender a fundação do jornal *Novidades* e os conflitos vividos por redatores e redadoras de jornais publicados àquela época.

O *Novidades* veio à luz numa terça-feira, dia 25 de janeiro de 1887. Logo de cara dizia que "por absoluta falta de espaço, deixamos de inserir hoje grande número de anúncios que nos foram obsequiosamente enviados, pelo que pedimos desculpa aos Srs. anunciantes". Isso serve de indício para uma das formas como o jornal pretendia se manter do ponto de vista financeiro, para além do patrocínio de senhores de escravizados. Como de hábito por aqueles tempos, os anúncios ocuparam as duas últimas páginas do jornal que continha um total de 4 páginas. Com destaque para anúncios de loterias⁶ e camisarias. Talvez houvesse ali a indicação de que o jornal passaria pelas mãos de pessoas com algum poder aquisitivo, que poderiam precisar de malas e artigos para viagens, chapéus e diversas peças do vestuário feminino e masculino. Mas também de alguém que poderia se enganar pelas letras maiúsculas e acreditar que a Cardoso & Ruas ofereceria alguma peça "de graça" ou quase. No entanto, para ter aquela folha em mãos, exigia-se o pagamento adiantado de uma assinatura que para a Corte custava 12\$000 por ano e 6\$000 o semestre, enquanto que as províncias precisariam desembolsar um total de 16\$000 por ano e 8\$000 por semestre. Por aqueles tempos, o *Jornal do Commercio* mantinha um sistema de assinaturas muito mais dispendioso, embora oferecesse uma folha consolidada e com um número de páginas superior⁷. A *Gazeta de Notícias*, por sua vez, poderia ser adquirida pelo mesmo valor de assinatura do *Novidades* e ainda de forma avulsa por

6 Na primeira página reservada aos anúncios, encontramos uma coluna inteira com três deles: Loteria da Província do Ceará, Loteria da Província de Minas Gerais e Loteria do Gram Pará. Por sua vez, a última página foi encerrada pelos da Camisaria Central e Camisaria Americana.

7 O *Jornal do Commercio* oferecia o seguinte sistema de assinaturas: Para a Corte e Niterói: Por ano – 30\$000; por nove meses – 22\$5000; por seis meses – 15\$000 e por três meses 8\$000. Informava ainda que "a assinatura paga-se adiantada; pode começar em qualquer dia, mas acaba sempre em fim de março, junho, setembro ou dezembro. Não se recebem assinaturas por menos de três meses. Subscree-se na tipografia do *Jornal*, rua do Ouvidor nº 61, no Rio de Janeiro. Os valores cobrados para as províncias eram o seguinte: por ano – 34\$000, por nove meses – 27\$000, por seis meses – 18\$000 e por três meses – 10\$000".

apenas 40 réis o exemplar. Valores idênticos aos praticados por *O Paiz* e o *Diário de Notícias*, títulos que gostavam de exibir suas altas tiragens.

Havia uma disputa declarada pelo mesmo público leitor, considerando os valores cobrados pelos jornais aos seus leitores avulsos e assinantes. Talvez isso motivasse o acirramento de rivalidades entre os seus colaboradores e, com certeza, a produção de seções destinadas não apenas a comentar aquilo que o outro havia publicado, mas a duvidar ou questionar a qualidade do texto exibido pela concorrência. A *Gazeta de Notícias*, que contava 13 anos por aqueles tempos, investiu em colunas assinadas por literatos e na venda avulsa, sendo seguida por outros títulos. Desse modo, naquele ano de 1887 já não deveria surpreender mais esse tipo de estratégia. Passaremos, portanto, a observar, como nos primeiros dias do referido ano, alguns jornais se posicionaram diante dos principais acontecimentos, por meio da sua crônica semanal. Notei que algumas das principais rivalidades construídas entre aqueles jornais eram crivadas por questões de gênero e raça. Isso ganhava destaque na folha, por meio de textos de algum nome consolidado no meio jornalístico e literário e que possuía a função de trazer o balanço da semana para os leitores e leitoras. Vejamos como os redatores do *Novidades* não estavam sozinhos e com quais pautas debateram.

O *Jornal do Commercio* mantinha sua crônica de domingo alocada no tradicional espaço do folhetim. Assinada por C. de L., iniciais de Carlos de Laet. Um dos principais nomes no meio literário daquele tempo era reconhecido também por causa da provocação de polêmicas, o que era visto como uma das marcas de seu "estilo" (Crispiniano, 2020, p. 15). Além de polemista, Carlos de Laet era militante da causa monarquista e um dos incentivadores da Academia Brasileira de Letras. A "Microcosmo" ocupava o espaço de baixo, da primeira página do jornal de domingo, desde 16 de junho de 1878. O literato deu início à série seguindo os protocolos de escrita do gênero, explicando, por exemplo, a escolha daquele título. Ao lado disso, dizia que esperava ser lido também por "senhoras". Ainda deixava registrada mais uma de suas marcas: a discussão da língua portuguesa e da "boa" literatura. Quase dez anos depois, no início de 1887, quando o *Novidades* começava a circular, não parecia muito diferente, mas revelava encontrar-se em maus lençóis, por causa de um leitor que

requeria em juízo a exibição de seu autógrafo⁸. Na semana seguinte, a questão retornava com mais detalhes: tratava-se de polêmica em torno de uma de suas crônicas que versava sobre opiniões relativas aos "castigos corporais"⁹. Carlos de Laet tinha motivos para temer. Conforme atesta Rodrigo Carmargo de Godoi, redatores de jornais corriam o risco de terem suas vidas ceifadas, por meio de atentados provocados por colegas de profissão. Os casos não eram isolados e se avolumaram ainda na década de 1820 (Godoi, 2023, P. 69). Se colegas de profissão usaram de recursos contundentes, quando insatisfeitos com alguma publicação, os demais leitores também poderiam recorrer a meios pouco louváveis.

O que motivava aquele imbróglio era crônica publicada no dia 5 de dezembro de 1886. Naquele texto, antes de tudo, C. de L. revelava algo sobre o próprio exercício de escrita da crônica, quando afirmava ter diante de si os jornais da semana e o assunto principal que não poderia lhe escapar: a reforma do código penal. Para discutir sobre os castigos corporais em estabelecimentos de ensino, o cronista transcrevia trecho de Coelho Rodrigues, no qual o deputado pelo Piauí e jurisconsulto defendia a sua utilização. O cronista rebatia, trazendo à baila que o "ilustrado partidário da educação por meio da dor física houvesse metido seu filho n'um colégio em que se afixavam prospectos consoantes à doutrina diametralmente oposta". Talvez isso tenha sido o que mais incomodou o político: levar ao público um dado de sua vida particular. Mais perigoso ainda do que cutucar colegas de profissão fosse causar a ira de um homem com o poder de Coelho Rodrigues. A perseguição ao cronista se estendeu, enquanto as respostas apareciam veiculadas por C. de L. em um dos jornais de maior circulação por aqueles tempos, considerada como uma folha conservadora e governista, e afirmando ter o apoio de outros colegas de profissão.

Se de um lado C. de L. era acusado, inclusive judicialmente, por causa daquilo que escrevia nos jornais, de outro, não deixava quem ocupava as colunas dos periódicos concorrentes sossegados. Foi assim que Eloy, o Heroe, pseudônimo de Arthur Azevedo, e Lulu Senior, pseudônimo de Ferreira de Araujo, na crônica de 16 de janeiro de 1887, passaram a ser questionados. Tratava-se da forma como jovens literatos tinham os seus trabalhos recebidos e comentados nas colunas desses dois

8 Jornal do Commercio. 02/01/1887.

9 Jornal do Commercio. 09/01/1887.

colegas. Assim todos aqueles homens discutiam literatura e política e mostravam como esses dois temas eram indissociáveis. Tratavam-se de homens falando para outros homens, embora em sua primeira crônica C. de L. tenha apelado para a recepção feminina. Mas elas não passavam, para ele e outros colegas, de seres sensíveis e românticos que não entenderiam daqueles assuntos considerados mais espinhosos e que compunham boa parte dos jornais diários. Um olhar pouco atento poderia concluir que não havia espaço naqueles jornais para mulheres leitoras, tampouco para escritoras. E que a referência do cronista do *Jornal do Commercio* às mulheres não passava de estilo narrativo. Vejamos mais um pouco daquele ambiente aparentemente dominado apenas por homens de letras, antes de tomarmos conclusões precipitadas.

A *Gazeta de Notícias* também possuía por aqueles tempos a sua crônica de domingo, que ocupava a primeira coluna da capa do jornal e aparecia sem assinatura. A "Crônica da semana" dividia espaço com várias outras séries que estavam presentes diariamente¹⁰. Embora disputassem as mesmas questões, aquela que era veiculada aos domingos possuía a função de olhar os acontecimentos com certo distanciamento e um tom de análise mais apurado, assim como ocorria nos outros diários àquela época. Para além do cotejamento da semana, algo chama bastante atenção na elaboração desses textos: a reprodução e comentários de notícias veiculadas em outros jornais. Vamos nos atentar para a crônica do dia 30 de janeiro de 1887 da *Gazeta de Notícias*. A principal questão que tomava conta de todos os jornais eram as eleições municipais, que serviram de mote para o início da crônica. Depois ainda comentavam sobre o cometa, a febre amarela e a questão militar. Finalmente, em tom de pilhéria, tomava um suposto jornal de São Paulo para refletir sobre o processo de imigração para aquela província. Segundo o cronista, bacharéis em Direito vindos de outras terras não seriam necessários por ali. Em seguida, passava para o *Diário de Notícias* e os comentários sobre a nomeação de funcionários para a comissão saneadora responsável pelos trabalhos na Lagoa Rodrigo de Freitas.

Notem que não se tratava de uma piada vazia, mas de discussão acirrada sobre os trabalhadores do país. Gente com diploma, indicação de postos de serviço e

10 Naquele início de 1887, a *Gazeta de Notícias* publicava regularmente a "Macaquinhos no sótão", assinada por José Telha (pseudônimo de Ferreira de Araújo), a "Entrelinhas, assinada por Rialto, entre outras.

previsão de rendimentos financeiros. Isso acontecia enquanto, na semana seguinte, o mote foi o trabalho de pessoas escravizadas. Com circulação na corte e província do Rio de Janeiro, discutia-se ocorrência da cidade de Campos. A "Crônica da Semana" começava então com uma suposta transcrição de anúncio que havia saído no *Diário Oficial*. Tal anúncio oferecia "moeda corrente" ao "homem livre" e "carta de liberdade" ao escravizado que informasse sobre os incêndios nos canaviais da cidade. O mesmo anúncio serviu também para que no dia seguinte, na crônica da série "Entrelinhas", assinada por Rialto, o narrador tecesse alguns comentários. A questão de fundo era o modo como a liberdade poderia chegar aos escravizados por meio de ações violentas. Assim, a defesa do final da escravidão aparecia naquelas linhas matizada por uma leitura que estancasse prejuízos econômicos à classe senhorial e a uma possível ruptura violenta e descontrolada. Não existia consenso nem entre jornais, tampouco entre seus colaboradores. Havia uma tentativa de controlar as ruas por meio de seus escritos, oferecendo sentidos para algumas manifestações e descredibilizando outras. Mais uma vez, agora em um dos jornais que mais tentava convencer sobre a pluralidade de público e de redatores, em sua coluna de honra não havia espaço para mulheres, ao menos naquelas duas semanas.

O jornal *Novidades* também nasceu recheado de crônicas e cumpriu o desafio de já em sua primeira semana publicar a sua "Crônica", justamente no domingo, dia 30 de janeiro de 1887. Aparecia ali com uma assinatura curiosa. Azulina foi o pseudônimo escolhido para encerrar as duas primeiras crônicas do controverso jornal. Essa assinatura foi provavelmente inspirada na *Princesa Azulina* que enchia o teatro Príncipe Imperial e as colunas dos jornais naquele mesmo momento¹¹. Conforme viemos acompanhando, em jornais diários, a crônica da semana possuía a função de fazer o balanço dos últimos sete dias, propondo uma releitura dos principais acontecimentos, a partir da própria imprensa. Estava geralmente sob o cuidado de literatos renomados ainda que os mesmos não usassem qualquer assinatura. Daquela vez, no entanto, aparecia uma voz feminina num espaço que não se vinculava necessariamente à moda ou à família. Azulina fazia isso se colocando diante de um dos assuntos mais espinhosos

11 A *Gazeta de Notícias* apresentava, no dia 7 de janeiro de 1887, grande anúncio que garantia ser uma "novidade sem igual", "sucesso garantido", sendo aquela a "5ª representação nesta época da sublime peça fantástica em 1 prólogo, 3 atos e 8 quadros, ornada de lindíssimas composições musicais de diversos autores; danças, bailados, transformações, visualidades, tramoias, etc". P. 4.

por aqueles tempos: os suicídios¹². Sobre a temática, dias antes, José Telha, pseudônimo de Ferreira de Araújo, na *Gazeta de Notícias*, usou a sua série humorística "Macaquinhos no sótão" para comentar sobre as estratégias de contensão daquilo que era chamado como epidemia¹³. Azulina entrava no debate usando o seu lugar de mulher para comentar os suicídios por amor. E acrescentava que "se os homens conhecessem as pessoas de meu sexo, se as estudassem, se interpretassem todos os seus caprichos, todas as suas tendências!". Indicando, talvez, que os homens, inclusive seus colegas de profissão, pouco sabiam sobre as mulheres, embora necessitassem desse público para sobrevivência das empresas as quais estavam vinculados.

O caso que havia gerado o comentário de Azulina estava em pauta desde o dia 26 de janeiro de 1887. O mesmo *Novidades* colocava em dúvida a causa da morte do suíço Jean Seiler. O redator da notícia afirmava ter ido ao necrotério ver o cadáver que se encontrava desfigurado. No enterro, observou que ninguém havia chorado e arrematava: "Talvez que a mesma hora, longe daquele fúnebre lugar um coração de mulher, despedaçado pelo remorso, se desafoasse em pranto". Sendo assim, se havia alguma dúvida relativa ao suicídio, o redator do jornal tirava as suas próprias conclusões: "Jean Seiler é um suicida por amor". E aproveitava para acrescentar: "Não nos matemos, leitor piedoso, sejam quais forem as nossas amarguras; mas convenhamos que o amor é na realidade uma doença mortal". Essa afirmação deu ensejo para que Rialto que assinava as "Entrelinhas", na *Gazeta de Notícias*, disparasse: "O colega das *Novidades* foi ao necrotério e ficou indignado, por não chorarem os amigos de um suicida, que tinham ido acompanhar o enterro. Compreende-se; o colega nasceu anteontem, e por isso de pouco se admira...". Ficava aqui a indicação de que o *Novidades* era um jornal recém-fundado, portanto com pouca bagagem para discutir assunto de tal magnitude.

Azulina entrava assim em campo minado que ocupava a atenção de boa parte da imprensa, desejosa de compreender melhor os casos de suicídio, ao mesmo tempo

12 Notícias sobre suicídios pareciam despertar bastante interesse do público leitor, embora houvesse uma campanha sobre como aquele tipo de publicação poderia desencadear novos casos de suicídios. Valéria Guimarães trabalha com a hipótese de que aquele tipo de notícia compunha estratégia editorial para alavancar as vendas de determinados títulos de periódicos. Não sendo nem mesmo possível a comprovação de que se tratassem de notícias reais ou inventadas (Guimarães, 2013).

13 *Gazeta de Notícias*. 20/01/1887.

em que produziam chistes a respeito de questão tão séria e delicada. Era também a única assinatura feminina a enfrentar a temática naquele momento, em meio a homens que disputavam a atenção do público leitor, inclusive das leitoras. Em sua segunda e última crônica, Azulina comentava sobre o fato de ser uma mulher e sua decisão de escrever crônicas. Vale a pena acompanhar as palavras da redatora:

Dizem os maldizentes que as mulheres são de uma imprudência!...

E realmente aqui estou eu, sentindo as consequências de um passo irrefletido que dei, tomando a mim a tarefa ingrata de alinhar estas crônicas domingueiras! Que assuntos para minha pena! Pois como há de uma senhora, débil e franzina, sonhando com bandos de amores louros, meter a pena na barriga empanturrada de pólvora da tão discutida questão militar?

Talvez esse introito não passasse de uma forma de florear a novidade de termos uma mulher como narradora dos acontecimentos da semana. Até porque não sabemos quem se escondia por detrás daquela assinatura. Poderia ser mesmo um homem, usando uma assinatura feminina. Por outro lado, é importante frisar que Azulina só apareceu duas vezes naquela coluna, que depois veio assinada por Frivolino (13/02/1887), em seguida por Marcelo (20/02/1887) e finalmente passou a vir sem nenhuma assinatura, como faziam outros jornais a exemplo da própria *Gazeta de Notícias*, conforme demonstrado anteriormente. Talvez a estratégia de colocar uma assinatura feminina ali não tenha dado certo e não havia nada preparado para a substituição. Ou Azulina não tenha conseguido conciliar os cuidados com a casa e a família ao projeto do jornal. Ou mesmo não tenha sido bem avaliada, nos bastidores, pelos proprietários da folha. A única afirmação que podemos fazer sobre esse caso é que a novidade residia no fato de termos uma suposta escritora, assinando uma coluna de um jornal que se propunha a ser de grande circulação, mantido com capital escravocrata. No entanto, em que medida podemos chamar a participação de mulheres como escritoras de colunas de jornais de "novidade"? É a discussão que será enfrentada no próximo item deste artigo.

Mulheres e mundos do trabalho na imprensa comercial

A Estação: Jornal Ilustrado para a Família era um dos principais periódicos voltado para o público leitor feminino naquele início de 1887 e o *Novidades* fez as seguintes observações em sua coluna "Registro de publicações":

Estação. – Recebemos o 3º número deste ano, que traz excelentes figurinos, descrição completa de modas e bons artigos literários.

A leitora não deve deixar de possuir tão interessante publicação.

Pela nossa parte agradecemos aos editores e proprietários, Srs. Lombaerts & C., as amáveis palavras que nos são dirigidas¹⁴.

Assim como trocas de farpas movimentavam aquelas páginas, o envio de exemplares seguido de comentários elogiosos também compôs os periódicos oitocentistas. Formava-se assim um circuito muito mais complexo do que podemos imaginar, quando estamos restritos a apenas um título. Eram correntes indicações de periódicos, autores e livros, do mesmo modo que críticas e provocações de polêmicas. Talvez nisso estivesse o desabrochar de uma imprensa com intenções pedagógicas, abrangendo também a formação literária e política de leitores e leitoras. Num mundo tão cheio de nuances, difícil seria acreditar que um periódico com intenções comerciais conseguisse manter uma única proposta do primeiro ao último número. Do mesmo modo, a reafirmação de sua carta de intenções que alertava para o distanciamento da política talvez não tenha sido cumprido à risca, tampouco os princípios avessos à política abolicionista defendidos por seus patrocinadores. Angariar público leitor certamente era uma tarefa que exigia habilidades muito mais maleáveis, especialmente se o objetivo fosse buscar leitores para além de seu público habitual (Pereira, 2016, p. 4).

A elogiada *A Estação*, no entanto, não escalou uma mulher para a sua crônica de balanço da quinzena. Durante boa parte do tempo de publicação dessa revista, esse papel foi cumprido por Arthur Azevedo, alguém que mantinha ótimas relações com o *Novidades*¹⁵. Na revista de moda e literatura, as literatas estiveram presentes na capa

14 *Novidades*. 17/02/1887.

15 Em momento de tensão de sua carreira de cronista, Arthur Azevedo chegou a migrar a série de crônicas "De Palaque" das páginas do *Diário de Notícias* para o *Novidades*.

do periódico, com crônica intitulada "Crônica da moda". Sem a função de relatar os últimos acontecimentos da quinzena, mas cumprindo papel importante dentro da revista. Esse tipo de crônica, aliás, foi quase sempre de responsabilidade de mulheres redatoras que se aproveitavam de temáticas relacionadas a modas para defender direitos femininos (Ribeiro, 2024). Seguindo a própria lógica de escrita de crônicas, a crônica da moda também precisava ser produzida atendendo a rapidez exigida pelas empresas jornalísticas. Carregam importantes discussões para a compreensão de como mulheres, que tinham acesso aquele tipo de periódico, eram instadas a cuidar de suas casas e famílias, sem abrir mão de oportunidades de trabalho remunerado. Esse foi o principal espaço ocupado pelas prováveis companheiras de ofício de Azulina, mas não o único, como demonstrou Laila Correa e Silva, ao defender que as literatas conseguiram construir espaços de sociabilidades e de troca de ideias, estando presentes não apenas como personagens ou debatedoras de questões relacionadas às modas, mas também envolvidas em discussões políticas (Silva, 2021).

A "Croniqueta" era assinada por Eloy, o Heroe em *A Estação*. O mesmo cronista usava assinatura idêntica em seu "De palanque", no *Diário de Notícias*, que possuía supostamente um público mais diverso. Assim, as crônicas escritas para a revista de moda e literatura miravam especificamente as mulheres e estavam sob a responsabilidade de um homem. No número de 15 de fevereiro de 1887, enquanto Azulina ainda ocupava a crônica semanal do *Novidades*, esse mesmo homem pedia para que as suas "leitoras" ficassem com seus nervos tranquilos por causa da "questão militar" e completava: "a chamada questão militar recebeu um murro valente com aquele artigo do *Jornal do Commercio*, e há de cair a golpes de lógica e de bom senso. O povo já está, felizmente, convencido de que se trata de uma questão quase pessoal, e já agora não há meio de arregimentá-lo do lado da espada e galões". Com a introdução desse debate, Eloy, o Heroe e Azulina, em suas respectivas crônicas, abordaram o mesmo conflito em torno da "questão militar". Ambos se voltaram para as mulheres leitoras. Um pedia tranquilidade, a outra fazia chistes sobre as preferências amorosas das suas leitoras. Com uma cartela de acontecimentos da semana ou quinzena, os dois cronistas fizeram escolhas, sendo que algumas foram idênticas. No entanto, Eloy, o Heroe falava para as moças e Azulina se colocava ao lado delas ou como mais uma delas.

Fato é que Eloy, o Heroe ficou por anos seguidos como o responsável pelas "Croniquetas" de *A Estação*, enquanto Azulina permaneceu apenas duas semanas nas crônicas de domingo do *Novidades*. Existiam espaços para a colaboração de mulheres redatoras, tanto na imprensa dedicada especificamente a elas, como em jornais diários voltados para o grande público. No entanto, a briga era acirrada mesmo entre homens, provocadores de polêmicas e avaliadores supostamente criteriosos de novos livros e poesias avulsas. Nessa virada de século XIX para o XX, é possível observar uma maior pluralização do perfil de trabalhadores dentro dos escritórios dos principais jornais cariocas (Costa, 2024). Isso poderia indicar uma maior participação de mulheres nos diversos cargos abertos por empresas jornalísticas. Por outro lado, a própria Julia Lopes de Almeida, uma mulher com frequente participação na *Gazeta de Notícias* e com poder aquisitivo para manter outras mulheres trabalhando em sua casa, demonstrava como os ritmos da imprensa diária impactavam a presença feminina nas redações dos jornais (Costa, 2024. P. 24). Com isso, é importante observar como a propalada tecnologia que teria revolucionado o modo de fazer jornal impactou de diferentes maneiras pessoas de classe, raça e gêneros diversos. Ter mais possibilidades de empregos, não significava ter mais mulheres exercendo ofícios relacionados à imprensa comercial. Aliás, muitas daquelas portas foram fechadas por homens de letras que desde sempre haviam ocupado as principais colunas dos jornais.

Se até mesmo a participação de redatoras em periódicos voltados para a família foi restrita, a imprensa feminina surgida desde 1852, sob a batuta de uma mulher natural da Argentina, com a publicação do *Jornal das Senhoras*, coube o papel de abrir espaços profissionais para muitas mulheres que eram, antes de tudo, professoras (Ribeiro, 2024). Assim, na virada para o século XX, Ignez Sabino fazia não somente o balanço da quinzena, mas a "história da mulher" justamente nas páginas de *A Estação*. Dirigindo-se "às minhas leitoras", afirmava:

Na reciprocidade dos seus deveres patrióticos e altruísticos, a mulher moderna tem necessidade de agir e lutar.

Temos já, felizmente, médicas, advogadas, farmacêuticas, dentistas, músicas, pintoras, poetisas e prosadoras.

No professorado, algumas se destacam com certa distinção.

Eu creio que é justamente da professora, que é uma segunda mãe, o da mãe que embalou no seu regaço o filho gerado no amor, que sairão os redentores futuros da pátria, sejam médicos, filósofos, marinheiros ou militares, os quais compreendendo a consciência de si próprios, salvarão a República de mais tarde, dos erros de agora!¹⁶

Nutridas com o gérmen da transformação, as mulheres eram convidadas a ocuparem os seus lugares na nova constituição da nação. Para isso, no entanto, deveriam agir, buscar as letras e seguir o exemplo daquelas que já eram médicas, advogadas e possuíam tantas outras profissões que necessitam de formação acadêmica. A reflexão proposta por Ignez Sabino partia do campo das exceções. Fora desse lugar, as mulheres que desejavam ou simplesmente necessitavam de algum ofício encontravam-se num campo de disputas, descridibilidade e mesmo de piada, conforme podemos ver por meio da discussão de ofícios a elas permitidos. E, mais uma vez, Eloy, o Heroe foi responsável por intervenções interessantes que provocaram o diálogo com outros colegas cronistas. Começando pelo elogio à professora de música Amélia Anais da Silva Costa, quem teve seu trabalho recomendado às "condescendentes e benignas leitoras", passando para os concertos do Clube Beethoven e a exclusão às mulheres dos seus salões, chegando finalmente à autorização oferecida pelo Diretor Geral dos Correios à admissão de mulheres nas repartições postais. Finalmente arrematava:

Era o caso da *Estação*, jornal de senhoras, deitar luminárias e queimar foguetes. O governo começa a perceber que as mulheres servem para mais alguma coisa que estar metidas todo o santo dia em casa, a tratar dos arranjos domésticos. Ainda bem. Já o telefone utilizou as mulheres; agora o correio; amanhã será o telégrafo; depois... quem sabe?¹⁷

A utilização de mulheres em cargos voltados para a comunicação possuía sentido dúbio. Em uma nova crônica, agora para o *Diário de Notícias*, o mesmo Eloy, o Heroe, transcreveu carta de um tal Edmundo Dantés. A missiva começava relatando sobre o preconceito sofrido por mulheres órfãs e viúvas no mercado de trabalho. O que as colocava numa situação de "miséria doméstica". A costura e a lavagem de roupas são descritas como ofícios de baixa remuneração. O magistério estaria

16 *A Estação*. 28/02/1901. P. 23.

17 *A Estação*. 15/01/1886. P. 4.

saturado de candidatas. Precisaríamos então retomar a discussão sobre a presença feminina nas "agências dos Correios e dos Telégrafos"¹⁸. A questão recebeu continuação alguns dias, ainda na série "De Palanque", com comentário construído a partir de outra correspondência. Dessa vez, a cartinha era de Martyr dos Prazeres que afirmava não faltar "profissões honestas" para as brasileiras, desde que elas fossem educadas. Depois que recebessem essa tal "educação", as mulheres estariam livres da sedução e da penúria, podendo ser então tratada a questão do emprego nas agências dos Correios. Esse correspondente recebeu resposta na própria crônica, com Eloy, o Heroe afirmando:

Mas, meu caro senhor, o emprega-las em tais serviços é também um meio de educa-las. Que relação pode haver entre a alma e o coração das mulheres e as mencionadas agências? A tarefa de distribuir cartas e de expedir telegramas não exige faculdades psicológicas. As mulheres são em geral ativas e inteligentes; é quanto lhes basta para o cabal desempenho das modestíssimas funções supra indicadas¹⁹.

A continuação da resposta era o cronista contando um caso de substituição de um telegrafista incompetente pela esposa que passou a fazer o trabalho perfeitamente bem. Esta história, que possuía bastante espaço para a pilhéria, foi usada pelo cronista da série "Entrelinhas", da *Gazeta de Notícias*²⁰. O tema parecia ser muito importante para as mulheres e foi tratado por homens que, entre risos e lições de moral, tentavam restringir os espaços de trabalho remunerado já conquistados por elas.

Que mulheres ocuparam postos de trabalho no Brasil do século XIX, a historiografia brasileira já produziu sólidos trabalhos. Temos inclusive importantes balanços no que diz respeito aos mundos do trabalho e a história social (Popinigis e Schettini, 2024), assim como a questão da maternidade de escravizadas (Carula, 2024). Trabalhos preocupados, por exemplo, com os anúncios de amas de leite ou de outros serviços domésticos também compõe esse campo e deram contribuições interessantes (Carneiro, 2006). Precisamos, no entanto, ainda entender como as disputas por visibilidade e colunas de periódicos também fizeram parte da jornada de

18 *Diário de Notícias*. 09/01/1887.

19 *Diário de Notícias*. 13/01/1887.

20 *Gazeta de Notícias*. 14/01/1887.

mulheres rumo à profissionalização feminina. Esse caminho encontrava-se mesclado às discussões sobre o final do trabalho escravizado e a suposta elevação da maternidade à ofício que serviria para formar os futuros cidadãos do país.

Novidades e escravidão

Precisamos avançar além do sucinto comentário feito por Nelson Werneck Sodré sobre o *Novidades* e já reproduzido neste artigo. Como uma empresa comercial, patrocinada por senhores de escravizados, lidava com notícias sobre violências cometidas contra pessoas escravizadas, quando jornais como *O Paiz* publicavam diariamente denúncias de reescravização e exigiam mais atenção do Estado? Ou, mais precisamente: como mulheres escravizadas tiveram seus ofícios invisibilizados naquele início de 1887, mesmo com o jornal se lançando com uma cronista, muito provavelmente branca, ocupando espaço de honra? Esses questionamentos jogam luz sobre o fato de que o mercado de trabalho feminino, conforme vislumbrado a partir da imprensa, era atravessado por questões de gênero, mas também de raça. Mostrando a importância de se estabelecer diálogo entre pesquisadores da história do trabalho e da escravidão (Nascimento, 2016).

O objetivo aqui não é reafirmar a constatação de Sodré, tampouco contrariá-la. Mas compreender como aquela arena de debates envolveu também as mulheres escravizadas e aquelas que pretendiam alcançar algum ofício remunerado. Parecia impossível para um jornal diário simplesmente ignorar a movimentação de escravizadas em direção à liberdade. Sendo assim, os principais redatores das notícias rápidas do *Novidades* nem adotaram a estratégia de denunciar alguma ação de proprietários de escravizados, mas também não deixaram de levantar um ou outro caso mais estarrecedor aos olhos do público. Houve a incorporação de notinhas que relatam o perdão concedido a uma escravizada à pena de prisão perpétua²¹, mas também aquela dedicada ao suicídio de Ignez²². Suicídios interessavam todos aqueles redatores, inclusive Azulina, nossa cronista da semana, conforme já vimos. No entanto, quando Ignez colocou fim a sua vida, Azulina já não assinava mais aquelas crônicas e o

²¹ *Novidades*. 01/02/1887.

²² *Novidades*. 16/02/1887.

passamento da escravizada não rendeu muita repercussão nos jornais coevos. A única notícia localizada até agora mostra que:

Enforcou-se no lugar Freitas, distante do Recife meia légua, a escravizada de nome Ignez, de Antonio Gomes de Araujo. A infeliz, sem dúvida, impressionada pelos horrores da desgraçada condição de escrava, deu fim à existência, enforcando-se com uma corda, em um pé de jaqueira que há atrás da casa de José Francisco de Paula, sogro de Araujo.

Pelas diligências que têm feito a polícia não se pode ainda conhecer o móvel que levou a infeliz Ignez a suicidar-se, tão moça como era e bem parecida.

Seguia assim padrão de escrita investido em outros jornais, com nome da mulher escravizada e de seu proprietário, mas aparecia com uma certeza que ninguém tinha aquela época e era causa de investigação policial. Ou seja, o que teria levado a mulher a cometer tal ato? A investigação existia e foi anotada pelo redator, mas antes mesmo de sua conclusão já dava como certa que Ignez estaria "impressionada pelos horrores" de sua condição. O efeito desse tipo de elaboração era o de retirar das costas do proprietário alguma causa imediata e jogar na conta abstrata da condição de escrava. Teria ela sofrido alguma violência, talvez sexual? Disso provavelmente nunca saberemos e o *Novidades* em nada ajudava a solucionar esse caso, muito menos exigia algum esclarecimento. Enquanto isso, apareciam algumas notas de concessões de alforrias a escravizadas, sempre originadas das mãos de algum senhor dito "benevolente". Nesse lugar de suposta benevolência não estava o senhor de Ignez e o jornal deixa escapar que ela não possuía esperança de alcançar essa tão sonhada liberdade, mesmo quando outras mulheres na mesma condição que ela, e que todos os dias figuravam nas páginas de diversos jornais, gozavam de tal benefício.

O jornal *Novidades* também levava para as suas colunas discussões com outros diários, quando a questão resvalava sobre a liberdade de mulheres escravizadas. Ainda naquele início de 1887, logo na primeira coluna da folha, apareceu notícia intitulada "O crime da Paraíba", com bastante destaque. Logo de cara, havia a informação de que se tratava de denúncia feita por um "colega" relativa à morte de uma escravizada,

"vítima de maus tratos por parte do seu senhor", da fazenda "Recato", em Paraíba do Sul²³.

Vamos primeiro à denúncia e ao "colega", no intuito de compreendermos melhor o ocorrido e como as peças daquele jogo eram movimentadas nas redações dos jornais. A denúncia foi inicialmente publicada na *Gazeta da Tarde*, sob o título "Paraíba do Sul"²⁴. Cabe ressaltar, antes de prosseguirmos, que o jornal em questão contava com José do Patrocínio entre seus proprietários. O jornal *Gazeta da Tarde* publicava uma carta anônima enviada de Paraíba do Sul, cidade que teria servido de "cenário a uma das mais horrorosas tragédias da escravidão". A carta foi transcrita com nomes da fazenda e de seu proprietário preservados, aparecendo apenas as suas iniciais. De modo que um escravizado da fazenda havia procurado a polícia para denunciar seu senhor pela morte de uma parceira "que sucumbiu debaixo de atrozes castigos". Além dessa mulher, outros escravizados da mesma fazenda estariam em condições semelhantes de precariedade. Não sendo aquele escravizado o primeiro a procurar a polícia. Ainda segundo a notícia, a carta foi enviada sem identificação por medo da "perseguição dos grandes deste lugar, onde o Sr. Martinho Campos é mandão".

A denúncia tornava-se ainda mais contundente, porque deixava perceber que aquele era um tipo de situação habitual, naturalizada por todos. Poucos dias depois, mais uma vez apareceu na *Gazeta da Tarde* outra coluna intitulada "Paraíba do Sul"²⁵. Novamente tratava-se de uma carta, dessa vez informando que "há quatro para cinco dias, na fazenda do *Recato*, a escravizada Regina, vítima de um bárbaro castigo de açoites" faleceu, vítima de castigos bárbaros. Informava também que o feitor da fazenda estava preso, mas que o proprietário apenas havia prestado depoimento e voltado "muito fresco para casa". Finalmente no dia 16 de março, a *Gazeta da Tarde* travou discussão com mais um jornal. Dessa vez, tratava-se do *Parahybano* que tentava "desmentir" as informações divulgadas pela própria *Gazeta da Tarde*. Havia transcrição do *Parahybano* e comentários do redator da *Gazeta da Tarde*, alegando que a "paixão negreira" havia conduzido a redação da notícia do outro jornal. Palavras não foram

23 *Novidades*. 16/03/1887.

24 *Gazeta da Tarde*. 11/03/1887.

25 *Gazeta da Tarde*. 14/03/1887.

medidas para se referir ao *Parahybano*, acusado de defender os interesses do proprietário da fazenda, o senhor Joaquim Lucio.

Ao se meter nesse imbróglio o *Novidades* escolheu um lado. Optou por apenas transcrever o *Parahybano* e tentar desacreditar o dito "colega" *Gazeta da Tarde*. Esses são movimentos que nos fazem entender que a imprensa produzida no Brasil às vésperas da abolição agia como um tribunal aberto, onde lados foram tomados, defesas foram divulgadas e a penúria de mulheres escravizadas expostas. Pouco ou nenhum espaço havia para discutir o futuro delas como trabalhadoras, tampouco trabalhadoras especializadas, porque, antes de tudo, era preciso salvar as suas vidas ou mascarar a brutalidade senhorial. Essas diferenças políticas, como não poderia deixar de ser, resvalaram para as séries de crônicas. Assim, a crônica de domingo, que nos primeiros números do *Novidades* foi assinada por Azulina, naquele meado de março aparecia sem assinatura e havia escolhido as seguintes questões como aquelas que mereciam ser comentadas: a doença do Imperador, o suicídio do major Espindola ("ex-negociante de escravos"), discussões ocorridas em um clube e a "literatura nacional". Optou-se pelo suicídio de um traficante de escravizados e calou-se a respeito da questão da Paraíba do Sul. Coube às letras miúdas das "Notas políticas", assinadas por Nestor, o confronto aberto com *Proudhomme*, pseudônimo utilizado por José do Patrocínio, que naquele momento assinava a série "Semana Política", justamente na *Gazeta da Tarde*.

Ali não havia meias palavras. Assim, Nestor disparava:

Tendo muito ódio e tendo uma falsa compreensão da tarefa que tomou sobre ombros, Proudhomme não tem contribuído absolutamente para o progresso do país. No largo período de cerca de dez anos de labutação na imprensa, uma ideia única aparece agitada por ele: a abolição da escravidão. Grande ideia essa; mas péssima propaganda feita! Não conheço nada de mais complexo e de mais variado que o estudo reclamado por questão desta ordem tão direta e tão profundamente vinculada com os mais radicais interesses do país²⁶.

Tomar os textos de José do Patrocínio como alvo e tentar atingi-lo pessoalmente, desacreditando a sua atuação como jornalista não parece escolha desprovida de propósito. Assim como mostrou Ana Flávia Magalhães Pinto, José do

26 *Novidades*. 20/03/1887.

Patrocínio e outros intelectuais negros tiveram justamente os seus ofícios questionados, quando os mesmos tentavam ocupar cargos que demandavam formação acadêmica (Pinto, 2018). Impedidos de frequentar um curso superior, Luiz Gama, por exemplo, atuou como rábula durante boa parte de sua vida. Homens negros e mulheres tiveram suas capacidades intelectuais questionadas, quando atingiam postos de trabalho cobiçados por outros homens brancos. Com relação a Patrocínio, mais do que questionar o seu posicionamento político, duvidou-se da sua atuação como homem de letras, responsável não somente por colunas e séries, mas por um jornal inteiro. Devemos ainda considerar que estava em jogo também o poder de contar, selecionar e criar memórias. Isso certamente causava extremo incômodo em homens brancos.

O desrespeito a trajetórias profissionais compôs o modo de atuação do *Novidades*, quando se tratava do debate abolicionista. Enquanto isso, as mulheres trabalhadoras escravizadas continuavam aparecendo naquelas páginas como vítimas de sucessivas violências, mas sem que as mesmas fossem sequer consideradas como violência. Assim a "preta" Maria foi presa por ter desrespeitado sua senhora²⁷. A nota com essa informação ainda acrescentava que, desse modo, a trabalhadora deveria "ser educada". Certamente essa era uma "educação" bastante diferente daquela que se exigia de mulheres brancas para que entrassem nos mundos do trabalho. O que se queria de Maria, nesse caso, muito provavelmente era subserviência. Sebastiana, por sua vez, acabou suicidando-se porque não queria trabalhar no sítio de Manoel Peixoto²⁸. Essa outra nota, termina com a informação de que a moça contava 26 anos e, segundo seu próprio ex-senhor, "era uma excelente escrava". Para que Sebastiana tomasse decisão tão dura, certamente deve ter sido motivada por algum medo incontornável, por exemplo, de sofrer alguma violência sexual no dito sítio ou ser afastada das pessoas que mais amava.

Outras mulheres trabalhadoras ainda sofreram diversos acidentes enquanto exerciam seus ofícios. Uma "escrava do Sr. Dr. Paiva Baracho" perdeu um dos braços, enquanto engraxava um engenho de cana²⁹. Por sua vez, uma "mulata, escrava do Sr.

27 *Novidades*. 14/05/1887.

28 *Novidades*. 20/05/1887.

29 *Novidades*. 01/06/1887.

Vicente Caselli" perdeu a vida, secando roupa junto ao fogo³⁰. O serviço doméstico foi lugar prioritariamente ocupado por crianças imigrantes pobres e por escravizadas e suas descendentes (Peçanha, 2018). Isso não significa dizer que apenas mulheres pretas prestavam esse tipo de serviço. Aliás, com a aproximação da abolição, tornava-se crescente o número de anúncios que solicitavam trabalhadoras brancas e estrangeiras (Souza, 2009). No entanto, de acordo com argumento desenvolvido por Natália Peçanha, mesmo 130 anos depois da abolição da escravidão, um grande número de mulheres negras ainda trabalha como servidas domésticas (Peçanha, 2019, p. 289). A historiadora avança no sentido de demonstrar que a suspeição sobre as empregadas domésticas negras faz parte de um processo que teve início no século XIX e contou, e muito, com a colaboração da imprensa. Houve, portanto, a "criação de um espectro de medo em relação as/os trabalhadoras/es domésticas/os a fim de justificar qualquer forma de controle e regulamentação da dita atividade" (Peçanha, 2019, p. 290). Vale a pena frisar que os responsáveis por essas construções na imprensa eram, em sua maioria, homens e brancos.

Mulheres brancas e mulheres negras enfrentaram desafios enormes nos mundos do trabalho. Não é demais reafirmar o quão diferentes foram os obstáculos e questionamentos que elas precisaram lidar. Desse modo, notícias de mulheres escravizadas e suas descendentes ao longo do ano de 1887 na imprensa comercial e, mais especificamente, no jornal *Novidades*, são múltiplas e interessantes, apesar de muitas delas não terem ocupado mais do que três linhas. Embora não fossem vistas como mulheres trabalhadoras pelo próprio jornal, eram escravizadas que, na prática de seus ofícios, sofriam acidentes, recorriam ao suicídio, eram elogiadas pela competência com que desenvolviam seus trabalhos. Não eram exceções. O que unia mulheres brancas livres e mulheres escravizadas e suas descendentes era a forma como suas capacidades de exercer qualquer ofício que fosse era descredibilizada. Seja com a associação à criminalidade, seja com a desconfiança de que não seriam competentes, nem capazes. Nisso mulheres que, assim como Azulina, atreveram-se a fazer da escrita sua profissão, ainda sofreriam com colunas de descrédito que

30 *Novidades*. 09/11/1887.

circulavam lado a lado aos textos por elas assinados, conforme ainda veremos na conclusão deste artigo.

Polêmicas em torno da mulher escritora

O jornal *Novidades* em seus primeiros números parecia querer incluir um nome feminino em uma coluna tradicionalmente deixada sob responsabilidade de homens em outros jornais comerciais. Essa aventura não durou muito. As mulheres escravizadas, por sua vez, ocuparam o espaço da notícia, de quem tem suas ações apenas narradas e avaliadas pela folha e por seu público leitor. Sendo assim, enquanto algumas mulheres brancas lutavam para frequentar cursos superiores ou alcançar espaço não apenas como leitoras de jornais e revistas, mas também como redatoras; mulheres escravizadas e suas descendentes buscavam outro tipo de liberdade³¹. O *Novidades* e outras folhas comerciais deixam isso muito bem evidenciado, embora, talvez esse não fosse o objetivo deles. Diferentes mulheres, considerando classe e raça, estavam presentes numa folha patrocinada por dinheiro de senhores de escravizados. Mas estar presente não significa ocupar o mesmo lugar. Importante recordar, neste ponto da análise, as observações feitas por Berenice Bento. Tomando a fala de Sojourner Truth, somos levados a refletir sobre a importância da raça para a definição da fragilidade feminina (Bento, 2022, p. 20). E, portanto, de quais ofícios seriam mais ou menos apropriados para cada tipo de mulher. Ninguém contestou a presença de uma mulher preta, trabalhando num engenho de cana de açúcar e tendo o seu braço amputado, por exemplo. Agora o cargo de redatora em jornal apareceu várias vezes como inapropriado para elas.

Azulina deixou silenciosamente o espaço de honra do *Novidades*. Indício talvez de que fosse realmente uma mulher e não apenas um homem usando pseudônimo feminino. Uma mulher branca acostumada a ser servida, mas que precisava enfrentar, na redação do jornal, o silenciamento e outras formas veladas de deslegitimação,

31 Muitas mulheres lutavam pelo direito de ter seus filhos perto delas e com vida (Machado e Cardoso, 2024). Outras tantas recorreram à justiça para que esses filhos não fossem retirados delas (Bertin, 2015). Precisamos considerar assim que lutas diferentes existiram e que a categoria de gênero sozinha pode apagar essas diferenças. Por isso, a importância de uma análise interseccional, conforme pontua algumas análises de intelectuais negras como Patricia Hill Collins (2021).

como a dúvida sobre se, de fato, o texto publicado era realmente dela (Eleutério, 2005, p. 71). Barulhos, no entanto, foram feitos, pouco tempo depois, quando certo redator resolveu afirmar que o ofício de escritora não deveria ser ocupado por mulheres.

Logo nos primeiros dias de 1891, alguém que assinava com a letra J. no *Correio do Povo*, se colocou contra as mulheres escritoras. Choveram opiniões. Entre tantas assinaturas masculinas, foi justamente o *Novidades*, nesse momento com novos proprietários, quem ofereceu espaço para uma assinatura feminina. Vamos começar por ela:

Com o Sr. J.

Peço a v. Ex., cidadão redator, que tenha a gentileza de publicar estas linhas de indignação.

Eis o caso:

O sr. J, no *Correio do Povo*, de hoje, diz:

"Eu quisera que a literatura da mulher impressionasse como o corpo nu, dela, com uma anatomia diferente, com os seus quadris amplos, com as maçãs dos seus seios, com a setinea epiderme que elas têm".

Ora essa! Sr. Redator, como é possível, que eu, débil e pudica mulher dê a perceber nos meus escritos a forma das maçãs dos meus seios e a dimensão dos meus quadris?!

Peço ao sr., que é bondoso e condescendente, dê publicidade à minha indignação.

Por outro lado, o sr. J. do *Correio do Povo*, que tem a petulância de escrever o que transcrevi, fica na obrigação de satisfazer o desejo que me acode neste momento.

Eu desejo que de hoje em diante a sua literatura impressione como o corpo dele J. com uma anatomia diferente da minha, com os seus quadris mesquinhos, com as suas maçãs e, enfim, com a rude epiderme que ele tem.

Quando nos seus artigos ele exhibir tudo isto, é possível que então eu me atreva a impressionar os meus leitores com o meu corpo e com a minha anatomia. Etc., etc.

Sua amiga obrigada.

Alice³²

32 Novidades. 08/01/1891. P. 1.

O mesmo *Novidades* ainda publicaria duas crônicas com comentários sobre a temática. Em seu "Artigo diário", Luiz Quirino dizia apoiar a "ideia do Sr. João Ribeiro no *Correio do Povo*", mas não estar de acordo com os termos utilizados³³. Ainda afirmava que fazia tempo que essa ideia o acompanhava, esperando apenas a melhor ocasião para a sua exposição. Para o cronista, mulheres que escreviam livros e jornais sofriam da "mania de querer parecer homens". Além disso, os homens seriam "muito mais aptos, mais entusiastas e mais sabidos". Finalmente, Viriato, em sua "Crônica vespertina", também concordava com o redator do *Correio do Povo*³⁴. Com palavras grosseiras, dizia que a mulher escritora "*fica machona*". Em sua análise, elegia C. Cy., pseudônimo utilizado por Corina Coaracy, como alvo. Segundo as palavras de Viriato, "C. Cy, que escreve tão bem, é masculina demais, tem umas coisas guerreiras no seu estilo que lembram lanças e cargas de baioneta e que me ferem a sensibilidade". E não parou por aí, além de C. Cy ainda dizia existir "muitas outras senhoras por aí que escrevem. Mas é uma lástima".

Alice parecia sozinha em meio a tantos homens misóginos. Palavra amiga as mulheres escritoras encontraram apenas na *Gazeta de Notícias*. Coube justamente a um dos proprietários do jornal, Ferreira de Araujo, usar as suas "Cousas do dia" para tentar encerrar o assunto. Em parágrafo que vale a pena ser reproduzido, afirmava:

Se fosse permitido a esta seção dar-se ares de erudita, tomávamos por aí ao acaso um desses livros de catálogo, gratuitamente fornecidos pelos Garnier e pelos Laemmert de nosso conhecimento e de nossa vizinhança, e copiaríamos todos os nomes de mulheres que escreveram e escreveram muito bem, para provar que em várias épocas da humanidade, desde Mme. de Girardin, e de Sevigné, e de Stael, até as Sras. Guiomar Torresão, Maria Amalia e Narcisa Amalia, a literatura nada tem de se queixar da invasão da saia nos seus domínios, falsamente reservados para o sexo barbado³⁵.

Essa polêmica saiu dos jornais diários e alcançou a revista de moda e literatura *A Estação*. Em sua "Croniqueta", Eloy, o Heroe dizia admitir a literata e a doutora, mas era contrário à mulher na política: "Nem a política foi feita para a mulher, nem a mulher

33 *Novidades*. 09/01/1891. P. 2.

34 *Novidades*. 10/01/1891. P. 1.

35 *Gazeta de Notícias*. 15/01/1891.

foi feita para a política"³⁶. Direitos políticos e de cidadania das mulheres atravessavam a ordem do dia naquele princípio de República. A imprensa comercial parecia ser espaço privilegiado de disputas, quando tentava diversificar os seus colaboradores e, ao mesmo tempo, ampliar o seu público leitor. Mulheres trabalhadoras ofereciam e buscavam serviços em suas páginas de anúncios e acompanhavam, não apenas de modo passivo, conquistas e tentativas de invisibilização e de descredibilizar uma virada importante rumo ao letramento e a ofícios tradicionalmente exercidos por homens e com melhor remuneração.

Refletir sobre a história da imprensa no Brasil aliada a história das mulheres e de gênero permite-nos compreender as negociações e polêmicas travadas entre diferentes sujeitos com interesses diversos. Para além disso, mostra-nos como a tentativa de incorporar em jornais de grande circulação nomes femininos causou estranhamento e colocou em campos opostos literatos à época reconhecidos por meio da luta abolicionista. Ou seja, ser abolicionista não significou apoiar o voto feminino, por exemplo, ou reconhecer a capacidade das mulheres de produzir bons textos. Desse modo, as disputas entre senhores de escravizados e abolicionistas acabaram oferecendo dinheiro e novas polêmicas para a fundação de folhas que viam nas mulheres não apenas público leitor, mas também mão de obra que ajudaria a espalhar ideias e conflitos.

Referências

BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil imperial (1864-1888)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BENTO, Berenice. "Gênero: uma categoria útil de análise?". In: *Revista de História Comparada*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, 2022.

BERTIN, Enidelce. "Uma 'preta de caráter feroz' e a resistência ao projeto de emancipação". In: MACHADO, Maria Helena e CASTILHO, Celso Thomas (orgs.).

36 *A Estação*. 31/01/1891.

Tornando-se livre: Agentes históricos e lutas sociais no processo de abolição. São Paulo: Edusp, 2015.

CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. Procura-se "preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa": uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca (1850-1888). Tese de Doutorado em História, Brasília, Universidade de Brasília, 2006.

CARULA, Karoline. "Maternidade e trabalho na escravidão – Brasil, século XIX". In: *Almanack*, Guarulhos, n. 38, 2024.

CHALHOUB, Sidney. "A crônica machadiana: problemas de interpretação, temas de pesquisa". In: *Remate de Males* – 29(2) – jul./dez. 2009.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo (orgs.). *A história em cousas miúdas: Capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

CRISPINIANO, Helena Ramalho. *Carlos de Laet: intelectualidade, ativismo católico e imprensa monarquista (1847-192)*. Dissertação de Mestrado em História, Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

COLLINS, Patricia Hill & BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

COSTA, Gabriela de Oliveira Nery. *Trabalhadores do jornal: organização e proletarização de repórteres e jornalistas no Rio de Janeiro, c. 1870-1920*. Campinas, Unicamp, Tese de Doutorado em História, 2024.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos – 1890-1930*. São Paulo: Topbooks, 2005.

GARZONI, Lerice de Castro. *Arena de combate: Gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*. Campinas, Unicamp, Tese de Doutorado em História, 2012.

GODOI, Rodrigo Camargo de. "Autoria e responsabilidade jurídica na imprensa brasileira do século XIX". In: *Remate de Males*, Campinas-SP, v.43, n.1, pp. 55-81, jan./jun. 2023.

GUIMARÃES, Valéria. *Notícias diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

LUCA, Tania de. "Impressos periódicos e escrita da história: notas sobre o cenário atual". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, V. 185. N. 495, 2024.

MACHADO, Maria Helena & CARDOSO, Alexandre Isidio. *Geminiana e seus filhos: Escravidão, maternidade e morte no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX*. *Revista Estudos Feministas*, junho de 2003.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. "Trabalhadores negros e o 'paradigma da ausência': Contribuições à história social do trabalho no Brasil". In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. V. 29, n. 59. Setembro-Dezembro de 2016.

PEÇANHA, Natália Batista. "Precisa-se de uma menor para pequenos serviços de uma casa": a mão de obra infanto-juvenil no serviço doméstico carioca (1880-1930). In: *Revista Mundos do Trabalho*. V. 10, N. 20, julho a dezembro de 2018.

PEÇANHA, Natália Batista. "*Que liberdade?* Uma análise da criminalização das servidoras domésticas cariocas (1880-1930). Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, V. 32, N. 66.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. "Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República". In: *História (São Paulo)*. V. 35. 2016.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2018.

POPINIGIS, Fabiane & SCHETTINI, Cristiana. "História social do trabalho e perspectiva de gênero no Brasil". In: *Almanack*, Guarulhos, n. 38, 2024.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lelio: Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

RIBEIRO, Cristiane de Paula. *Mulheres de pince-nez: imprensa feminina e o surgimento das jornalistas no Rio de Janeiro, 1852-1892*. Campinas, Unicamp, Tese de Doutorado em História, 2024.

SCHETTINI, Cristiana. *Clichês baratos: Sexo e humor na imprensa ilustrada carioca do início do século XX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

SILVA, Laila Correa e. *Dos projetos literários dos "homens de letras" à literatura combativa das "mulheres de letras": imprensa, literatura e gênero no Brasil de fins do século XIX*. Campinas, Unicamp, Tese de Doutorado em História, 2021.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *O Cortiço das mulheres: Classe, raça e gênero em O Cortiço, de Aluísio Azevedo, e nos jornais contemporâneos*. Florianópolis, *Mundos do Trabalho*, V. 15, 2023.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: Leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Campinas, Unicamp, Dissertação de Mestrado em História, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Flavia Fernandes de. *Para casa de família e mais serviços: O trabalho doméstico na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em História, UERJ, 2010.